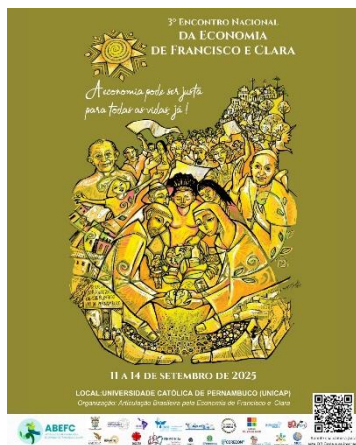




III ENCONTRO DA ECONOMIA DE FRANCISCO E CLARA

Recife – 11 a 15 setembro de 2025

Reflexão de Abertura¹: Por uma Economia Irmã da Criação

Irmãos e Irmãs, participantes do III Encontro Nacional da Economia de Francisco e Clara, que a paz do Irmão Sol, que ilumina Recife, e a serenidade da Irmã Água, que banha esta cidade, estejam conosco hoje.

Nosso encontro se reúne sob a **inspiração de Francisco, o de Assis**, do século XIII, **o Francisco de Roma**, do século XXI, e de Clara, a “**senhora pobre de Assis**”. E os textos que nos guiam nos oferecem uma chave poderosa para nossa reflexão: **a linguagem**. Ambos nos lembram que a linguagem é mais do que palavras: é construção de mundo, é definição de relações sociais, é a maneira como narramos e interpretamos nossa própria história coletiva. E o testemunho de Clara de Assis nos aponta em sua linguagem silenciosa, porém, decidida e corajosa, **que não se faz caminho com relações desiguais**.

Vejamos:

O primeiro texto inspirador nos lembra que **Francisco de Assis** foi um revolucionário da palavra falada e da palavra vivida, experimentada e praticada entre os seus. Num mundo onde o poder – **eclesiástico, comercial, jurídico** – se codificava em **latim**, a língua dos eruditos, Francisco ousou escrever e cantar em **vulgare**, a língua do povo, a língua “vulgar/comum”. Ele não estava apenas criando um poema; estava **democratizando o louvor e a espiritualidade**. Ele tirou

¹ Frei Laércio Jorge OFM: graduado em Filosofia e Teologia. Mestre em Ciências Sociais (PUC-MG 2025). Dissertação abordando a passivação provocada a partir da relação entre Política e Religião.

Contato: freilaerciojorge@gmail.com - 031 9 9689 4969

Proferido na manhã do dia 12 de setembro de 2025.

a experiência do divino dos mosteiros e a levou para as praças, para os pobres, para os "jograis" – os artistas populares.

Assim, **O Cântico das Criaturas** [1225-2025] não era um tratado teológico para doutores; era **uma canção para ser cantada pelo povo**, uma **linguagem comum** para celebrar a criação comum. **O Cântico das Criaturas** não é apenas um poema religioso, mas um **gesto político e sociológico**: ele **desestabiliza** hierarquias, **democratiza** a experiência do sagrado e **reconhece**, nas vozes da natureza e do povo, **a presença do divino**.

E diante dessa proposta revolucionária, **o que fez Clara?** Ela não apenas a seguiu; **ela a encarnou e a completou com uma genialidade feminina e contemplativa**. Clara caminhou **lado a lado** com Francisco, numa compreensão circular e acolhedora para com toda a criação. **Enquanto Francisco saía** para as praças, **Clara, a partir do espaço do claustro**, criou um modelo de comunidade onde a fraternidade universal se vivia **na radicalidade da partilha, do cuidado e da contemplação**. Ela nos aponta para **uma transição essencial** ao nosso modo de ser e fazer, **onde o masculino e o feminino não se opõem**, mas se complementam com a mesma sacralidade, a mesma circularidade. Sua vida é um sinal que nos anima numa **lógica de sonoridade e bem viver**, revelando que a verdadeira economia é aquela que sabe **escutar o silêncio, acolher o frágil e tecer relações de reciprocidade**, e não de dominação. Clara nos ensina que **a irmandade com a criação nasce de um olhar contemplativo que reconhece o divino em cada rosto, em cada criatura, em cada elemento da natureza**.

Ora, o que é a economia senão uma **linguagem**? Ela é a forma como nós, sociedade, codificamos nossos valores, nossas relações, nossos sonhos e nossas prioridades. A economia dominante hoje fala um **novo latim**: uma linguagem técnica, complexa, repleta de siglas, índices e algoritmos inacessíveis à maioria. **É uma linguagem que exclui, que descarta, que justifica a idolatria do lucro e a cultura do descarte**, como bem diagnosticou o Papa Francisco.

Ela, a economia, **governa a vida sem se deixar interpelar pelo sofrimento dos povos, pela degradação ambiental ou pelas periferias urbanas**, onde o “custo humano” da desigualdade se torna visível nas favelas, nas ruas e nos corpos descartados. É uma economia que, legitima o **processo de exclusão estrutural**: ao mesmo tempo em que produz abundância, multiplica precariedades.

O apelo do Papa Francisco é, em essência, um chamado para fazermos com a economia o que Francisco e Clara de Assis fizeram com a espiritualidade: **traduzi-la para o "vulgar" humano e ecológico**. É um convite para criarmos uma nova gramática econômica, onde os verbos não sejam "**maximizar**" e "**explorar**", mas "**acolher**", "**cuidar**", "**defender**", "**acompanhar**" e "**integrar**". Uma economia que não seja um código fechado para iniciados, mas uma língua comum, **acessível a todos**, a serviço da Casa Comum, em que os substantivos sejam **povo, comunidade, território, natureza, solidariedade**, e onde os adjetivos não sejam “descartáveis”, mas “**dignos**”, “**resistentes**” e “**fraternos**”.

E qual é a estrutura gramatical desta nova economia? O Cântico das Criaturas [1225-2025] nos ensina:

1. **O sujeito é Irmão/Irmã**: A primeira revolução é **ontológica**. Francisco não vê as criaturas como "recursos", "matéria-prima" ou "externalidades". Ele as chama de **irmão sol, irmã lua, irmã água, mãe terra**. **Irmandade** não é metáfora; é a **percepção radical de que temos uma origem comum** (Deus Criador) e uma constituição comum (a matéria da Mãe Terra). Uma economia franciscana, portanto, é aquela que abandona a relação de dominação sobre a natureza e os pobres e assume uma relação de **fraternidade universal**. É uma economia que reconhece os **direitos da natureza** não porque ela é "**útil**" para nós, mas porque ela **é**, em si mesma, digna de respeito, pois "de Ti, Altíssimo, traz o significado", afinal, "**Deus viu que tudo era muito bom**" [Gn 1,31-CF/2025]. Aqui, a **fraternidade** não é apenas metáfora espiritual, mas categoria social: é **uma crítica à mercantilização da vida e uma convocação à sororidade radical**.

2. **O predicado é Louvor e Serviço:** As criaturas, no Cântico, não são instrumentos passivos. Elas são **sujeitos ativos do louvor**. Elas trabalham, sustentam, governam, iluminam. Elas têm uma vocação. **Da mesma forma, a economia não pode ver as pessoas como meros "recursos humanos" ou "consumidores"**. Essa visão desloca a economia da lógica utilitarista e a insere em uma perspectiva de **participação social**, permitindo que cada pessoa, cada comunidade, seja **sujeito ativo, protagonista** da sua própria história econômica, capaz de louvar a Deus através de **um trabalho digno, criativo e que promova a vida. Uma economia a serviço da vida, não a vida a serviço da economia**.

3. **A conjugação é no Tempo da Gratuidade e do Perdão:** O Cântico celebra a gratuidade do sol que ilumina, da água que sacia, da terra que sustenta – **dons dados a todos!** Uma economia inspirada nele precisa romper com a lógica da **maximização do ganho** e abraçar a lógica **do dom e da gratuidade**. Além disso, Francisco acrescentou os versos do **perdão** e da **paz** para sanar um conflito social em Assis. Isso nos indica **que uma economia nova precisa ter mecanismos de reparação histórica**, como perdão das dívidas injustas e impagáveis, a restauração da justiça social e ecológica e o reconhecimento de que paz e reconciliação são bens econômicos indispensáveis. **Não há economia fraterna sem justiça restaurativa.**

Irmãos e Irmãs, o Papa Francisco nos convocou, especialmente aos jovens, a ser os **"jograis do Senhor"** no século XXI. Assim como Francisco [de Assis], imitou o Senhor, enviando os frades para cantar o Cântico pelo mundo, **somos enviados para cantar, com nossas teorias, nossos negócios, nossas cooperativas e nossos gestos, uma nova melodia econômica.**

Que neste encontro, em solo de outro grande ícone de nossa fé, Dom Helder Câmara, representando tantos outros solos brasileiros marcados por desigualdades e por tanta beleza natural, possamos:

- **Ousar falar em "vulgare econômico = economia comum",** criando modelos que sejam compreensíveis e benéficos para o povo.
- **Assumir a irmandade como princípio,** combatendo a cultura do descarte com a cultura do cuidado.
- **Trabalhar com a criatividade dos jograis,** sendo poetas e artistas que compõem novas realidades.

Que nosso **III ENCONTRO NACIONAL DA ECONOMIA DE FRANCISCO E CLARA**, iniciado nesta bela manhã, se inspire também nas presenças de Dom Helder, Dom José Maria Pires/Zumbi, Dom Luciano Mendes de Almeida, Irmã Dulce dos Pobres, Irmã Dorothy Stang, Mariele Franco, Laudemir de Souza Fernandes, Cínthia, e não seja mais um fórum de discussão, mas, um **cântico coletivo, uma composição prática e ousada** para uma economia que, finalmente, possa ser cantada e experimentada por todos como uma benção.

**Onipotente e bom Senhor,
Louvado sejas,
por todos aqueles e aquelas que,
inspirados por Ti,
se reúnem para recriar a economia
e torná-la irmã de todas as tuas criaturas.**

Paz e Bem!